

PERFIL

Uma britânica nascida na Pérsia

Nascida em 1919 na região de Kermanshah, na Pérsia (hoje Irão), mas filha de pais britânicos, Doris Lessing cresceu na Rodésia (actual Zimbábue), onde a família se instalou numa quinta quando ela tinha cinco anos. A sua infância africana viria a marcar algumas das suas obras. Foi, aliás, impiedosa nas críticas aos governos racistas na África do Sul e na Rodésia, o que lhe valeu a proibição de entrada nesses países (na África do Sul entre 1956 e 1995). Tem três filhos de dois casamentos, e depois de dois divórcios instalou-se em Londres, em 1949. Arranjou emprego como secretária, profissão que viria a deixar dado o sucesso dos primeiros livros.

Foi comunista na juventude e manteve-se sempre empenhada na defesa dos seus ideais. Gosta de cozinhar e de escrever todas as manhãs, vive actualmente na capital britânica e enveredou também, no âmbito de um trabalho literário que é vasto e diversificado, pela ficção científica com a obra 'Shikasta' (1981), tendo publicado várias obras deste tipo. Em 1995 publicou o primeiro volume da sua autobiografia, 'Under My Skin'. O segundo, 'Walking in the Shade', seria publicado três anos mais tarde. Em 2001, ganhou o prémio 'Príncipe de Astúrias' de Letras. Doris Lessing é a 11ª mulher a ser distinguida com o Nobel da Literatura, e foi escolhida pela Academia Sueca por ser "uma



DORIS LESSING SURPREENDEU, AO ULTRAPASSAR NOMES COMO PHILIP ROTH OU CLAUDIO MAGRIS

de no caso da atribuição do Nobel a Doris Lessing, é que tenha tardado tanto".

Para o nosso interlocutor, o que se deve estranhar é que "uma escritora com uma obra importantíssima, e que, enfim, não começou propriamente ontem, tenha passado todos estes anos fora da vista da Academia Sueca".

José Saramago realçou a capacidade de "observação directa e quase descarnada da realidade social da época em que ela escreveu cada um dos seus romances". Num trabalho literário "desenvolvido e organizado ao longo de uma vida, e que não se mantém sempre igual", Doris Lessing demonstra "uma progressão da escrita, do ponto de vista estilístico, num sentido mais austero, mas sempre com um grau de expressividade muito grande".

Escusando-se a nomear livros favoritos - "pergunta a que sempre evitei responder, por ter de justificar a escolha de uns e não de outros" - Saramago preferiu enfatizar o facto de Doris Lessing ter permanecido, durante muitos anos, "numa zona cinzenta da literatura". Escritora de culto, "muitos lhe reconheciam a grandeza da obra", mas essa qualidade não recebia a projecção merecida.

"Espero que, com a atribuição do Nobel, ela ganhe muitíssimos mais leitores e uma maior atenção da crítica e do ensaísmo interna-

contadora épica da experiência feminina, que com cepticismo, ardor e uma força visionária perscruta uma civilização dividida".

"Foi uma das decisões mais meditadas que tomámos até agora", disse o director da Academia, Horace Engdahl, sobre o prémio que deverá ser entregue, a 10 de Dezembro em Estocolmo, à escritora - que completa 88 anos de idade no próximo dia 22.

Não faltam escritores a elogiar a obra literária da agora premiada. Maria Teresa Horta disse ontem à agência Lusa que Lessing "foi uma excelente escolha", acrescentando: "Temia que se cumprisse o destino de outras notáveis mulheres como Virginia Woolf e Marguerite Yourcenar, que morreram sem receber o Nobel (...) A sua escrita é muito forte, ousada, está sempre à frente do seu tempo, e ao mesmo tempo é de grande sensibilidade". Além do mais, Doris Lessing "dá uma grande atenção nos seus livros aos discriminados, aos mais frágeis, aos desprotegidos".

Também José Manuel Mendes, presidente da Associação Portuguesa de Escritores, disse que Doris Lessing "é uma narradora ágil com o grande poder de nos contagiar". E prosseguiu: "Os seus romances envolvem-nos pela sua capacidade de intenção, surpresa e recorrente crítica", e enquadram-se numa obra global "relevante".

cional", declarou o Nobel português.

A mesma coisa pensam outros escritores e/ou académicos, embora não todos. A autora madeirense Ana Teresa Pereira (recentemente galardoada com o Prémio Máxima de Literatura 2007) confessou-nos "gostar muito, mesmo muito, da Doris Lessing". Citando livros que a impressionaram particularmente, como 'O Quinto Filho' (ed. Círculo de Leitores) Ana Teresa Pereira destacou também um conto em particular, intitulado 'Para o Quarto 19' [editado em Portugal pela revista 'Ficções', nº 8].

"Há coisas na obra dela que me marcaram muito", disse esta escritora, cujas referências culturais são fortemente influenciadas pela cultura anglófila. A forma como Lessing escreve "é envolvente", considerou Ana Teresa, revelando que a britânica "é uma escritora com a qual tenho laços afectivos" a nível literário. Admitindo que a obra de Doris Lessing "é de facto marcadamente feminina", Ana Teresa Pereira contrapôs, porém, que esse tipo de rótulos acaba por não querer dizer muito. Mas, para a escritora Lídia Jorge, Lessing foi uma mulher capaz de afrontar os hábitos do seu tempo e que assumiu integralmente a sua condição como mulher. Como Saramago, também Lídia Jorge considerou que este prémio só peca por ser tardio.

18 títulos estão disponíveis na Livraria Esperança

18 títulos diferentes da obra literária de Doris Lessing estão disponíveis, para entrega imediata, na Livraria Esperança, no Funchal, informou-nos ontem o proprietário, Jorge Figueira de Sousa.

Um dado confirmado na consulta ao 'site' da livraria na Internet, em www.livraria-esperanca.pt, onde também é possível encomendar livros. 'A Erva Canta', 'As Experiências de Sirius', 'Boa Terrorista', 'Gatos e Mais Gatos', 'Revoltada', 'Verão Antes das Trevas' ou 'Murmúrio da Tempestade' são alguns deles. Outras livrarias funchalenses, como a Bertrand e a Fnac, não têm nenhum livro por agora.

A Fnac informou que no sábado já terá algumas obras disponíveis.

Escritora de segunda ordem, sentencia Maria Alzira Seixo

A académica portuguesa Maria Alzira Seixo, professora catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, discorda da atribuição do Nobel a Doris Lessing. Em declarações à Lusa, considerou que Doris Lessing é uma boa escritora, mas "de segunda ordem" e "não está entre os melhores escritores que podiam merecer o galardão".

A propósito, citou o americano Philip Roth ou o português António Lobo Antunes como autores que poderiam ter sido escolhas mais apropriadas. "Doris Lessing é interessante do ponto de vista da sua escrita intimista e psicológica na esteira de Virginia Woolf, que é muito superior, e não me impressiona". As obras de Lessing foram lançadas em Portugal por várias editoras.

A emoção de ganhar o Nobel e suplantar fortes concorrentes

Doris Lessing, os seus familiares e os seus admiradores estarão, num certo sentido, a experienciar a mesma realização vivida pelos portugueses em 1998, e por Saramago, sua família e amigos de forma particular. A filha do escritor, Violante Saramago Matos, recordou ao DIÁRIO a "grande surpresa" e a "satisfação enorme", pelo "reconhecimento de um trabalho que ultrapassava, até, as questões meramente literárias". Na época, toda a literatura de língua portuguesa estava um pouco na "zona cinzenta", em que Doris Lessing permanecia até hoje. José Saramago resgatou-nos desse limbo.

O NOBEL DA LITERATURA DE 1998 FICOU MUITO FELIZ POR VER DORIS LESSING PREMIADA

LUÍS ROCHA
lrocha@dnoticias.pt

O escritor português José Saramago, Prémio Nobel da Literatura em 1998, aplaude a atribuição do famoso galardão da Academia Sueca à britânica Doris Lessing.

Num contacto telefónico ontem estabelecido com o nobelizado autor residente em Lanzarote, Saramago fez questão de testemunharnos a sua admiração pela obra desta escritora britânica.

"Conheço-a pessoalmente, e sei a magnífica pessoa que é", revelou, acrescentando que, ontem, ao tomar conhecimento da atribuição do Nobel da Literatura a Doris Lessing, ficou "muito satisfeito".

Sem querer estabelecer comparações entre a qualidade da obra literária de Lessing e a de outros escritores concorrentes ao Nobel da Literatura 2007, José Saramago considerou: "Competidores nunca faltam. Quando se dá o prémio a um, sempre haverá alguém para dizer que deveria ter sido dado a outro. A única coisa que surpreen-

'VENCEDORES' VENCIDOS

1901

■ Quando todos davam Tolstói, um dos maiores vultos literários de sempre, como o indiscutível destinatário da primeira edição do Nobel, o vencedor foi Sully Prudhomme, hoje pouco mais do que um obscuro nome nas selectas literárias francesas.

1919

■ Carl Spitteler, suíço, foi o preferido em 1919. Ao contrário dele, Joseph Conrad, então com 62 anos, é um nome para a eternidade.

1932

■ O conceituado James Joyce perdeu no confronto com John Galsworthy, em 1932, e com Pearl S. Buck, em 1938.

1953

■ Aldous Huxley não mereceu os favores da Academia. Winston Churchill, o primeiro-ministro britânico, venceu em 1953. Alguém hoje o recorda como escritor?

2007

■ Philip Roth e Claudio Magris eram dois dos favoritos ao Nobel mas acabaram por perder para Doris Lessing.